

Credor diz que negociação não acabou

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — O comitê assessor dos bancos credores do Brasil marcou para a próxima terça-feira uma reunião com o Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, nesta cidade, buscando concluir com o Brasil o acordo da dívida externa. O comitê não quis comentar a notícia de que a dívida de US\$ 64,2 bilhões teria sido rolada por 20 anos, com oito de carência, conforme anunciado em Brasília.

O coordenador do comitê, William Rhodes, não se encontrava em Nova York para comentar o andamento das negociações. Mas um banqueiro credor disse ao GLOBO que "o acordo deverá estar fechado até o dia 19 deste mês, quando começa a reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Caracas, com a presença do Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. Até lá estará tudo pronto. Houve o reescalamento, mas ainda faltam o reempréstimo e a conversão da dívida antiga em capital de risco".

Muitos banqueiros tiraram o primeiro dia sem negociações da dívida brasileira, nos últimos dois meses,

para descansar. Mas uma fonte bancária que acompanhava o caso das renegociações do Uruguai e do leilão de bônus do México afirmou ao GLOBO que "as negociações da dívida brasileira ainda não terminaram".

Mas um banqueiro confirma que "o acordo com o Brasil está quase fechado. Ainda faltam algumas coisas, mas são detalhes. O principal já foi decidido. Acredito que tudo vai se encerrar na semana que vem".

Os banqueiros querem fechar um acordo rápido para fortalecer o prestígio de Mailson, para que ele possa adotar medidas eficazes no combate ao déficit público e à inflação no Brasil. Segundo uma fonte, "as contas externas do Brasil estão sob controle; o problema vai ser a situação política e econômica interna do País".

●FRANÇA — O Ministro das Relações Exteriores da França, Jean Bernard Raimond, declarou ontem, em Paris, ser imprescindível que se leve em conta "a legítima necessidade de desenvolvimento econômico dos países endividados". Raimond lembrou que a França já pediu ao Fundo Monetário Internacional (FMI) que leve mais em conta "as implicações políticas e sociais da estratégia de ajuste econômico".